

RUBEM AZEVEDO LIMA

CORREIO BRAZILIENSE

* 6 JUL 1997

Deus e o diabo na terra do sol

No intervalo de poucos dias, o presidente Fernando Henrique Cardoso terá discutido o Brasil com as duas personalidades mais importantes do mundo: o papa João Paulo II e o presidente Bill Clinton, dos Estados Unidos, prestes a chegar a Brasília.

Antes desses encontros, FHC dissera não temer bichos-papões e desejar o aconselhamento do papa sobre os problemas de seu governo. Que seriam, talvez, a demora em fazer a reforma agrária ou em reduzir os altos índices de exclusão social no país. Vale registrar que, em menos de três anos, se quintuplicou, sob sua presidência, a dívida pública interna brasileira.

À chegada, o papa deu a FHC o primeiro conselho: recomendou-lhe urgência na execução de programas que ajudem os trinta milhões de pobres do Brasil, cifra essa que não pára de subir, embora sempre seja menor nas estatísticas oficiais. O único engano que os burocratas admitiram, até agora, foi o do suposto erro de R\$ 1 bilhão, no déficit do comércio com o exterior, já corrigido.

As preocupações de Clinton são outras. Ele pedirá que FHC liberalize ainda mais a economia brasileira, escancarando os portos à importação de produtos americanos. Os EUA, no particular, pregam uma coisa e fazem outra. Mas suas estatísticas são mais precisas do que as nossas e Clinton, ainda jovem, parece querer voltar ao governo mais tarde, sem mudar as regras da Constituição. Para realizar esse projeto, terá de agradar ao rico empresariado americano e minorar a pobreza de seus pobres.

Washington e o Vaticano querem, pois, de FHC coisas incompatíveis umas com as outras. São Pedro pede ação efetiva do Brasil contra a miséria brasileira, para o que é indispensável o fim das desigualdades produzidas pelo demônio da competitividade, criado pela execução da política de darwinismo social, implícita na globalização da economia. O Brasil teria, pois, de fazer mudanças econômicas. Mas a Casa Branca exige mudanças diferentes, que impliquem a adesão total do Brasil às regras da globalização, cujo

dogma é a competitividade entre os países, para que os mais aptos enriqueçam e os incapazes aceitem a dependência de terceiros.

Nos EUA, os dez homens mais ricos possuem US\$ 400 bilhões e querem mais. De 1961 a 1990, os 20% dos americanos de maiores posses aumentaram suas fortunas, em média, em mais de 15%. Os 20% mais pobres viram sua participação na renda nacional cair de 2,3% para 1,4%. Clinton quer diminuir tal empobrecimento, inexplicável à luz dos milagres atribuídos à globalização. E um dos jeitos de realizar seu objetivo é pressionar o Brasil, partidário da mundialização econômica.

Que opção preferirá FHC, diante de pedidos tão desencontrados? Um foi feito em nome de Deus; o outro, em defesa do lucro, a base da religião que se pratica em Wall Street e nos centros financeiros considerados templos do diabo da nova ordem econômica mundial. No que diz respeito à causa dos pobres e de outros excluídos do Brasil, espera-se que FHC não tenha nenhum medo de bichos-papões.